

Itinerários: Frei Bartolomeu dos Mártires, Aldemira e a visitação de Roma

Sara Augusto

Centro de Literatura Portuguesa, Universidade de Coimbra
saramrma@gmail.com

Data de recepção do artigo: 16-06-2011

Data de aceitação do artigo: 04-07-2011

Resumo

O estudo das viagens de portugueses no contexto europeu, neste caso das viagens a Roma na época barroca, insere-se numa investigação que trouxe à luz um novo *corpus* textual que permitirá uma necessária ampliação do campo da Literatura de Viagens. Por outro lado, a leitura destes manuscritos, que relatam experiências diversas de viagem, permite também estabelecer pontos de contacto com textos anteriores e posteriores aos séculos XVII e XVIII. Neste trabalho está em causa a apreciação de duas imagens distintas da viagem e da cidade de Roma, com um intervalo de quatro séculos entre si, da forma como se estabelecem relações entre as duas experiências, apresentando-se esta intertextualidade como um dos aspectos mais interessantes num quadro mais amplo da Literatura de Viagens.

Palavras-chave: Literature de viagens – Roma – Frei Bartolomeu dos Mártires –Varela Aldemira

Abstract

The study of the journeys by Portuguese travelers to Rome, within the European context, particularly during the Baroque period, is part of a wider research which uncovers a new textual *corpus* that will allow a much needed broadening of Travel Literature. On the other hand, reading these manuscripts, which narrate different travelling experiences, enables us to establish contact points with both previous and further to the 17th and 18th centuries. In this essay, the subject at hand is the appreciation of two distinct images of both travelling to and a description of Rome, with a four centuries gap between them, as well as the connections amongst these two experiences. This intertextuality

becomes one of the most interesting aspects within a larger scope of Travel Literature.

Keywords: Travel Literature – Rome – Frei Bartolomeu dos Mártires – Varela Aldemira

1.

Desde há algum tempo que um conjunto significativo de trabalhos levados a cabo no âmbito da História, da História Religiosa, da Diplomática e da Literatura (Brasão 1939, Martins 1957, Augusto 1999, Paiva 2000, Faria 2008, Augusto 2010), tem revelado uma extraordinária mobilidade dos portugueses no espaço europeu. Tanto as fontes históricas como o número de narrativas, que paulatinamente têm vindo a ser editadas (Augusto 1999; Augusto 2010), mostram como o destino privilegiado da deslocação do mais variado leque de viajantes foi a cidade de Roma. Apesar de notícias anteriores (Martins 1957; Augusto 1999), o acto de «contar a viagem», sobretudo quando enquadrada nas circunstâncias religiosas e políticas em que decorre, surge documentado a partir de meados do século XV, prolongando-se pelo século XVI. A perda da independência em 1580, interrompendo a actividade diplomática com a Santa Sé, correspondeu a um acentuado decréscimo do relato de viagem. Só depois da Restauração, num movimento novamente relacionado com a actividade diplomática, se voltou a registar um notável incremento da relação de viagem a Roma, atingindo o seu auge entre 1640 e a segunda metade do século XVIII. Desta forma, nos reinados de D. João IV, D. Pedro II e D. João V, assumem uma importância fundamental as grandes embaixadas junto da Santa Sé, missões de manifesta grandeza e impacto. Das narrativas do século XIX e do século XX, quando ganha maior relevo a peregrinação individual e colectiva e a visita de curiosidade e estudo, à imagem do *Grand Tour*, cultivado sobretudo pelos viajantes da Europa central e da Europa do Norte (Augusto 1999), desaparecem as duas grandes motivações da viagem romana na época moderna, ou seja, os afazeres religiosos, relacionados sobretudo com a presença de enviados a reuniões capitulares das ordens religiosas, e as grandes missões diplomáticas, em séculos caracterizados pelo poder efectivo da ostentação como factor de persuasão.

É dentro deste quadro e deste *corpus* textual, aqui sumariamente enunciado, que corresponde a dois pólos distintos, com quatro séculos entre si, implicando que a narrativa se estruture entre coordenadas

obviamente diferentes, que se situam duas experiências de viagem, a de Frei Bartolomeu dos Mártires, no século XVI, e a de Luís Varela Aldemira, na primeira metade do século XX.

2.

Luís Varela Aldemira (1895-1975), pintor e professor de pintura na Escola de Belas-Artes, entre os anos 40 e 60 (Pamplona 1987: 37-38), iniciou a sua estadia em Roma, tendo desembarcado em Termini, já a horas mortas, vindo de Piza, a 27 de Maio de 1933. Tinha partido de Lisboa a 2 de Maio desse mesmo ano, juntamente com o pintor Lauro Corado (1908-1977), tendo ambos conseguido uma bolsa de aperfeiçoamento artístico e investigação da Junta de Educação Nacional, instituição criada em Janeiro de 1929, no âmbito da história da arte, para uma deslocação de dois meses.

Ao chegar a Roma, Varela Aldemira procurou as palavras que o Arcebispo de Braga tinha pronunciado, apeado e de joelhos em terra, cheio de alegria e devoção, também ele chegado a Roma, pela manhã, a 29 de Setembro, dia de S. Miguel:

- Salve, ó mãe nossa! Salve, ó mãe santa, escola da Religião Cristã, coluna e fundamento da verdade, donde sai a luz que alumia o mundo e o conhecimento do Sumo Bem! Deus te guarde, fermosa cidade, depositária fidelíssima dos sagrados corpos dos Príncipes de toda a Igreja Católica, S. Pedro e S. Paulo, que com seu sangue derramado por tuas praças em honra de Jesu Cristo te fizeram mais ilustre do que o eras por tantos e tão famosos emperadores e por aqueles que te deram o nome! Ó sete montes sagrados, ar sai dessas aras e edefícios benditos, que, recreando esta alma, ma enche de esperanças, que acharei em vós alívio da carga que tanto me oprime e que só me traz a vós! (Sousa 1984: 238)

Na saudação enternecida e eloquente de Frei Bartolomeu dos Mártires, chegado de Trento e afastado por algum tempo dos trabalhos conciliares, Aldemira deve ter encontrado o tom majestático e o reconhecimento do estatuto de *Urbs Aeterna* adequados à cidade de Roma a que ele, quatro séculos depois, chegava também. Este encontro prolonga-se no diário do pintor, o seu *Itinerário Estético. A Caminho de Roma*, publicado em 1943, dez anos depois da viagem, citando palavras e contando episódios da permanência em Roma, estabelecendo um diálogo textual assíduo com o percurso do Arcebispo de Braga.

A *Vida de Dom Frei Bartolomeu dos Mártires* constitui mesmo um dos intertextos visíveis no *Diário* de Aldemira, para além de referências, quase obrigatórias, a Francisco de Holanda e aos seus *Diálogos em Roma*, de 1548, segunda parte de *Da Pintura Antiga*. Como guia de viagem, Aldemira e Corado seguiam o seu *Baedeker*, possivelmente lido em francês (como se pode inferir da lista consultada na Biblioteca Nacional, maioritariamente nesta língua), que representa a grande tradição dos guias de viagem iniciada por Karl Baedeker, no início do século XIX. Sobre esta preferência dos viajantes em Roma, Varela Aldemira anotou como «à sombra do pequeno e gracioso arco de Tito, um magote de ingleses faz comício, cotejando o *Baedeker* para melhor se documentarem», tecendo também comentários sobre as virtudes e as faltas do guia:

Na falda do Aventino, bairro plebeu dos primeiros tempos de Roma, ocupado por vinhas e conventos, temos Santa Sabina, dos dominicanos, onde estagiou S. Gonçalo de Amarante, Santo Alessio, Santo Anselmo, dos beneditinos, e Santa Maria Aventina, do Priorado de Malta, com um belo recinto ajardinado. O *Baedeker* recomenda, para se disfrutar uma linda vista, que se «apique o ôlho ao buraco da fechadura» do jardim. Não lhe fizemos a vontade. Em contrapartida, nada esclarece a respeito da antiga Igreja de Santa Anastácia, no sopé do Palatino, fundada por S. Dâmaso e construída sôbre o Circus Maximus. Deve lá ter duas lápides a recordar o nome do cardeal Nuno da Cunha. Está fechada, se é que eu não ando às aranhas, perdido na confusão de tanta ruína. (Aldemira 1943: 305)¹

Não referiu Aldemira os velhos *mirabilia*, que acompanhavam os passos dos visitantes e peregrinos desde a Idade Média, descrevendo cada uma das basílicas e respectivas relíquias, mosteiros, bairros, palácios, fontes e hospedarias, constituindo assim uma orientação essencial para o peregrino em Roma (Augusto 2010). Quanto à *Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*, as referências são de um género substancialmente diferente, estabelecendo um diálogo revelador de leituras, curiosidades, contrastes e afinidades. Em primeiro lugar, é necessário considerar que não seria difícil a Varela

¹ As referências de Aldemira a esse «buraco da fechadura» são vagas. Com efeito, o *Baedeker* em língua inglesa, segundo volume para a Itália Central e Roma, de 1904, refere a «brown door nº 40», situada numa pequena praça, no final da Via de Santa Sabina: «...with the arms of the Grand Master of the Knights of Malta above it, contains a brass-bound aperture above the Keyhole, through which is obtained a celebrated view of the dome of St. Peter's at the end of the principal avenue of the garden» (p. 287).

Aldemira conhecer o texto de Frei Luís de Sousa. Com efeito, a biografia do Arcebispo foi abundantemente publicada durante todo o século XIX e a Biblioteca Nacional tem no seu acervo pelo menos seis edições diferentes, sendo que entre elas está uma *Vida de D. Fr. Bertolomeu dos Martyres por Fr. Luís de Sousa: excerptos para themas nas aulas de latim e leitura clássica nas escolas*, editada em Lisboa, em 1854. Já no século XX, antes de 1933, data da viagem de Aldemira por Espanha, França e Itália, há pelo menos duas edições, em 1920 e 1921, organizadas por Agostinho de Campos. Trata-se de uma actividade de edição extraordinária, sobretudo tendo em conta que, depois da década de 20, apenas se conheceram as edições de 1946 das Edições Sá da Costa (que pode ter sido motivada pelo facto de Gregório XVI ter declarado *Venerável* o Arcebispo de Braga, em 1945, depois beatificado por João Paulo II, em 2001), e a edição mais recente, de 1984, da responsabilidade de Aníbal Pinto de Castro e Gladstone Chaves de Melo.

3.

A narrativa da viagem de Frei Bartolomeu dos Milagres a Roma ocupa dez capítulos (XVIII-XXVIII) da Segunda Parte da sua biografia. No dia de S. Miguel, a 29 de Setembro de 1563, como já foi dito, o Arcebispo chegava como peregrino à *Urbs*, saudando comovidamente a cidade que avistava, palavras contadas por Frei Luís de Sousa, na sua *Vida de Dom Frei Bertolomeu dos Martires*, editada pela primeira vez em 1616², com base nos apontamentos começados pelo cronista da Ordem dos Dominicanos, Frei Luís de Cácegas.

Estes dez capítulos, enquadrados na biografia de Frei Bartolomeu, constituem uma pequena unidade do maior interesse no âmbito das narrativas de viagem de portugueses a Roma. Situando-se na continuidade das narrativas registadas a partir de meados do século XV, relativas a viagens levadas a cabo por nobres e membros do clero, viajando solitários ou com as suas comitivas, justificadas por motivos políticos e religiosos (destacando-se a jornada de D. Afonso, Conde de Ourém, 1436, a delegação do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, 1558, ou a embaixada de Lourenço Pires de Távora, 1559) (Martins

² Esta viagem também foi narrada pelo Capelão do Arcebispo, o Padre João Guedes (1561), no *Diário da Jornada do Ilustríssimo Senhor Arcebispo D. Fr. Bartolomeu dos Mártires ao Concílio de Trento*. Lisboa: António Gomes, segundo informação recolhida em Barbosa Machado (1965-1967, II: 674).

1957, Augusto 1999, Augusto 2010), a viagem de Frei Bartolomeu apresenta uma configuração específica e enriquecedora pelas diferentes circunstâncias que a caracterizam. O principal aspecto tem a ver com o facto de a viagem a Roma constituir apenas um episódio na longa narrativa da deslocação e dos trabalhos de Frei Bartolomeu dos Mártires no Concílio de Trento, mas não tem menos importância a proeminência do Arcebispo no panorama religioso da sua época.

Pertencendo à Ordem dos Pregadores, tendo entrado na Ordem Dominicana em 1528, consagrado Arcebispo Primaz de Braga em 1558 (Sousa, 1984: 55), Frei Bartolomeu dos Mártires (1514-1590) esteve presente na terceira sessão do Concílio de Trento, convocado por Pio IV, onde chegou em 1561, e teve um papel importante na publicação de decretos essenciais para a Reforma da Igreja. A descrição da viagem e da acção de Frei Bartolomeu dos Mártires no Concílio ocupa todo o Livro II da biografia concluída por Frei Luís de Sousa, incluindo a sua viagem a Roma e o subsequente encontro com o Papa Pio IV.

Depois de estar há um ano e meio a residir em Braga, o Arcebispo não pôde recusar a participação nos trabalhos conciliares: «pondo em balança o bem universal de toda a Cristandade com o particular de sua Igreja, e o espiritual de todos com o corporal seu, logo se resolveu em tomar o caminho com toda a pressa e se começou a fazer prestes» (Sousa 1984: 142). Fez-se acompanhar da gente estritamente necessária, procurando hospedagem nos conventos da Ordem, dissimulando quem era, logo dando mostra da humildade que caracterizou cada passo que deu por terras de Itália, em contacto com os príncipes da Igreja. Saiu de Braga a 24 de Março de 1661, tomando o caminho de Bragança, Zamora, Palência e Burgos. Já em França, passou por Bayonne, Auch e Toulouse, Carcassonne, Béziers, Montpellier, Nimes, Avignon e Briançon. Passou os Alpes, passou por Torino, Vercelli, tendo entrado em Milão a 10 de Maio, passou por Brescia e entrou em Trento a 18 do mesmo mês, tendo sido logo alvo da maior consideração pela grande fama de virtude que o precedia. A partir de Trento, Frei Bartolomeu fez duas viagens. A primeira aconteceu quinze dias depois de ter chegado ao Concílio, enquanto os trabalhos não começavam. O Arcebispo, «que não tinha natureza para estar ocioso» (Sousa 1984: 161), aproveitou o tempo para visitar Veneza e Pádua, onde estava a 12 de Junho, tendo passado 15 dias em viagem.

O Concílio abriu a 18 de Janeiro de 1562, no domingo em que se celebrava a festa da Cadeira de S. Pedro em Roma. Desde o primeiro momento, Frei Bartolomeu insistiu que «começassem logo polo que mais convinha, que era alimpar e apurar o ouro da Igreja, que era o estado eclesiástico, que estava escurecido com costumes depravados de dilícias e pompas, e com muitos vícios que daqui brotavam» (Sousa 1984: 181). Assim se justificam as invectivas «contra o fausto e vaidades com que viviam alguns prelados e outros eclesiásticos», sendo célebre a sua recriminação, «*Illustrissimi at Reverendissimi Cardinales indigent illustrissima et reverendissima reformatione*» (Sousa 1984: 182-183), e a forma como fugia de manifestações opulentas e que considerava desadequadas ao estado religioso.

Em 1563, tendo sido adiada a Sessão vigésima quarta de Setembro para onze de Novembro, o Arcebispo viu-se com dois meses de Outono livres e, tendo «determinado não se recolher pera Espanha sem ver Roma, e beijar o pé a Sua Santidade» (Sousa 1984: 224), resolveu aproveitá-los. A narrativa de Frei Luís de Sousa tomou, neste passo, um tom leve, mas didáctico e encomiástico, que resulta do contraste entre o Cardeal de Lorena e o Arcebispo de Braga, «porque eram contínuos e extraordinários os recebimentos, festas e acompanhamentos que por todo o caminho se faziam ao Cardeal, assi por sua dignidade como por ser tio d'el-Rei de França» (Sousa 1984: 225). Inquieto com tantas cortesias e cerimónias, Frei Bartolomeu dos Mártires só sossegou quando conseguiu seguir a viagem ao seu modo, mas não escapou aos avisos que o Cardeal de Lorena ia deixando pelos conventos dominicanos e pelos lugares, anunciando a sua chegada e louvando as suas virtudes:

E soube-se depois que neste ofício foi continuando até Roma, com muitos cardeais amigos que o esperavam e festejaram em suas quintas e casas de campo, antes de entrar na cidade, aos quais contava com grande festa as travessuras que lhe viera fazendo e a pena que o Arcebispo recebia de lhe tolher as fomes a que armava com seus disfraces. (Sousa 1984: 237)

O percurso foi feito por Rovigo, Ferrara, Bolonha, sendo que a 24 de Setembro chegou a Florença, passou por Sena, até chegar à vista de Roma, na manhã de 29 de Setembro, quando saudou comovido a «fermosa cidade». Aos seus companheiros lembrou ainda «o respeito e reverência com que se haviam de haver na cidade e tratar os lugares

santos dela» (Sousa 1984: 238), mas também lembrou a dupla dimensão da cidade, num labirinto de caminhos entre o sagrado e o profano:

Entremos, filhos, nesta famosa cidade, cabeça da Cristandade, fonte de toda doutrina e santidade, donde o mundo todo tira decretos da Fé e da Religião que professamos e exemplos de virtude, corte comum de todos os Católicos e geral hospedaria de estrangeiros. (...) Aqui achareis a cada passo muitas cousas que vos façam devažam e vos edifiquem muito. Porém, como os que nela moram e tratam não são anjos per natureza, nem confirmados em graça, mas são homens e filhos de Adão, confesso-vos que pode haver descuidos e fraquezas humanas, assi como é certo que há muita virtude e muita santidade. Peço-vos muito, meus filhos, que dos bens vos aproveiteis, e os males, se alguns encontrardes, nem vos escandalizem nem vos façam cair. (Sousa 1984: 239)

A sua recepção e a permanência em Roma foram disputadas, conseguindo o embaixador D. Álvaro de Castro, depois que se queixou ao Papa, que o Arcebispo ficasse hospedado em sua casa. Só com muita obediência ao Pontífice conseguiu Frei Bartolomeu «sofrer tanto rugido de sedas como tinha em seu aposento, nem tantos mimos como lhe punham na mesa» (Sousa 1984: 244). O próprio Pio IV, de breve pontificado (1559-1565), ficou rendido à singela humildade e à sua sabedoria, recebendo-o «todo risonho e alegre, e com honras mui diferentes das costumadas com outros prelados de igual gravidade» (Sousa 1984: 244), estabelecendo com ele «estreita familiaridade», ouvindo-o com atenção, pedindo conselho, «formando maior conceito cada dia do homem, maravilhado de ver que em tão pobres hábitos e tão humildes palavras estivesse escondida ãa tamanha luz de zelo, de virtude, de prudência» (Sousa 1984: 245).

No seu relato, Frei Luís de Sousa não descreve as maravilhas que Frei Bartolomeu teria visto em Roma. É possível até que o Arcebispo de Braga não se demorasse nelas, empregando mais os olhos nas coisas do alto, incomodado com o contacto assíduo com «descuidos e fraquezas humanas» (Sousa 1984: 240). E, contudo, Pio IV tinha-se empenhado no embelezamento de Roma, continuando o trabalho dos seus antecessores. Nos jardins do Vaticano, Pirro Ligorio tinha desenhado para o Papa a chamada Casina de Pio IV ou Villa Pia, além do conhecido «nicchone» do Casino de Belvedere. Chamado pelo Pontífice a pronunciar-se sobre este último, respondeu-lhe o Arcebispo que «não devia curar Vossa Santidade de fábricas que cedo ou tarde hão-de acabar e cair», mas sim do «edifício espiritual» (Sousa 1984: 246).

Depois de doze dias em Roma, já o Arcebispo queria voltar a Trento, onde seria de mais proveito, «desejando ver-se já onde tomasse vingança de tanta vaidade e tanta delícia como cursara em Roma» (Sousa 1984: 271). Antes do regresso, como peregrino piedoso, visitou as sete igrejas estabelecidas, recebendo do Papa a indulgência plenária, tendo começado com S. Pedro no Vaticano e terminando com S. Paulo fora de Muros. Foi com dificuldade que Pio IV o deixou partir, demorando-o o mais que podia na corte pontifícia. Depois de celebrar na Igreja de Nossa Senhora do Populo, onde estava sepultado o cardeal D. Jorge da Costa, Frei Bartolomeu deixou Roma a 16 de Outubro, seguindo o percurso pelo Loreto, Espoleto, Montefalcon, Assis, Ravena, Ferrara e Mântua. Chegou a Trento a 31 de Outubro, onde permaneceu mais dois meses. Tendo o Concílio encerrado a 4 de Dezembro, despediu-se o Arcebispo e partiu a 8 de Dezembro para Portugal. Numa embarcação à vela, viajou até Verona e, por terra, até Milão. Seguiu-se Pavia e Génova, onde embarcou para Nice na «primeira oitava de Natal» (Sousa 1984: 289). Já em França, seguiu por Antibes e Saint-Maximin-la-Sainte-Baume, Aix-en-Provence, Avignon, onde chegou no Dia de Reis, fazendo o mesmo percurso que já tinha sido feito na vinda para o Concílio. Passaram por Narbonne, Girona e Barcelona, Lérida, Bujaraloz e Zaragoza. Rumou por Salamanca e a 23 de Fevereiro dormiu em Freixo-de-Espada-à-Cinta, primeiro lugar do Arcebispado de Braga.

O texto de Frei Luís de Sousa retrata-nos um homem de piedade e humildade, e foram estas virtudes, combinadas com um aguçado sentido de responsabilidade, que regeram não só a sua viagem e permanência em Trento, manifestando-se nos trabalhos conciliares, mas também a sua visita a Roma. A piedade com que rezou junto dos túmulos dos Apóstolos e nas sete igrejas que determinavam a concessão de indulgências, a humildade com que calcorreou a cidade e lidou com embaixadores e cardeais, a atenção com que foi recebido pelo Santo Padre e as honestas palavras com que se pronunciou sempre que a sua opinião e conselho foram pedidos, são sinais de uma personalidade forte e determinada, invocada quatro séculos depois por Varela Aldemira na sua própria viagem a Roma.

4.

Com a viagem e a estadia romana de Frei Bartolomeu, nas suas impressões, ditos e episódios, Luís Varela Aldemira estabeleceu um

diálogo constante, tornando-o o principal intertexto da sua própria visão e narrativa e fazendo dele uma utilização bem distinta da que faz do seu guia Baedeker. Sobre o seu *Itinerário Estético*, que escreveu posteriormente como resultado da sua viagem, diz o autor na respectiva «Introdução»:

São impressões de viagem, as impressões emotivas, sinceras, dum viajante que viu o mundo e as coisas industriado com os olhos e a experiência de há nove anos, longa distância para o dinamismo vertiginoso do nosso tempo. O autor só responde pelo que observou e pensou há quasi um decénio, certo que, se a mesma peregrinação feita por idêntico caminho, às mesmas horas e nos mesmos dias do calendário, a repetisse hoje, outros fenómenos, outras idéias, outras maneiras de ver o teriam impressionado ao sabor do presente estado de alma. E só a alma é o único assunto dos nossos livros. (Aldemira 1943)

Aldemira fala de «peregrinação» e de «estado de alma», termos que possivelmente aproximariam duas viagens, duas personalidades e duas visões, mas o itinerário de Aldemira é «estético» e a sua peregrinação manifesta uma constante observação e comentário da arquitectura e da arte, nelas encontrando o seu objectivo principal, distante da ascese e do espírito «deslargo» das coisas do mundo demonstradas por Frei Bartolomeu dos Mártires.

Lauro Corado e Varela Aldemira saíram de Lisboa no dia 2 de Maio, já noite. Detiveram-se em Sevilha, em Madrid, Toledo e Barcelona. No dia 20 estavam em Marselha e no dia 24 em Génova, seguindo viagem por Pisa. Daqui, partiram a 26 de Maio, sexta-feira, de comboio. Passaram por Livorno, cansados e impacientes:

Noite cerrada. Mergulhamos nas horas vazias, à luz mortiça do vagão a rolar pela costa do Mar Tirreno; passageiros que saem e outros que entram, a sonolência monótona do trepidar das carruagens, o despertar brusco na paragem das estações, o levantar do corpo para desentorpecer os membros, entre actos aborrecidos, monótonos, das viagens que se prolongam na impaciência da chegada. (Aldemira 1943: 204)

O percurso de Lisboa a Roma, decalcando as rotas mais concorridas desde a Idade Média (Augusto 1999), foi demorado, mas esses vinte e cinco dias corresponderam ao vencimento de uma curiosidade estética de que o próprio Aldemira dá conta no relatório que apresentou à Junta de Educação Nacional:

Como se tratou de uma simples viagem de estudo à Itália, limitei-me a visitar exposições e museus das seguintes cidades por onde passei: Sevilha, Madrid, Toledo, Barcelona, Marselha, Genova, Pisa, Roma, Perugia, Florença, Milão, Turim, Lion, Bordeus, Bayona, S. Sebastian, Valladolid e Salamanca. (Junta de Educação Nacional 1934: 131)

O adjectivo «simples» utilizado pelo pintor é demasiado modesto como se pode julgar pelo resultado da viagem e pelas elucubrações do seu *Itinerário Estético*, mas talvez correspondesse a uma visão imediata dos resultados da longa jornada pelo sul da Europa, depois ampliada e mais reflectida quando passada à escrita.

Em Roma, foi debaixo de forte trovoadas que os peregrinos começaram a sua visita, que se prolongaria até 9 de Junho, quando Varela Aldemira partiu de Roma, num percurso de regresso indicado na última página e cuja descrição se guardou para uma segunda parte do *Diário*, que não chegou a ser escrita: Perúgia, Florença, Milão, Turim, Lyon, Bordéus, Baiona, S. Sebastião, Valhadolid, Salamanca e Viseu, uma longa peregrinação «estética», concluída em Alcobaça e Batalha. O primeiro destino de Varela Aldemira e Lauro Corado foi S. Pedro do Vaticano. Abridados da chuva na colunata de Bernini, iniciaram o seu duplo percurso de descrição e comentário, profusamente continuado no relato da visita aos Museus do Vaticano, numa «angústia de ver tudo de uma vez, enorme riqueza acumulada por gerações seculares num labirinto de gabinetes e vestíbulos em que naufragamos»; assim, facilmente se percebe que se tenham perdido, «desorientados, por galerias e corredores que desaguam caudais de gente no sussurro esfuziante dos mil idiomas» (Aldemira 1943: 208):

Queremos descansar, mas não se pode estar parado; queremos fugir da muita beleza que fatiga e somos arrastados pela multidão, imensas caravanas de monjas, frades, leigos, profanos, interrogando-se, chamando uns pelos outros, perdidos no deslumbramento das obras-primas, cegos pelo fulgor radioso e paganizante dos Sátiros, Musas, Vénus, Bacos adolescentes ou taludos, enormes, atléticos. (Aldemira 1943: 208-209)

Depois dos Museus do Vaticano, a que Aldemira voltou mais tarde, para ver a Pinacoteca e a Basílica de S. Pedro, seguiram-se mais treze dias de intenso programa, compondo o seu «itinerário estético» vasto e abrangente, que envolveu os principais museus e galerias de Roma, ruas, praças e jardins, articulando os sítios arqueológicos da Roma clássica com um percurso bem conseguido pelas principais

Igrejas e lugares sagrados da cidade. Cada museu, cada igreja, cada praça, cada pormenor, tudo se torna motivo para longas descrições e observações, elegendo peças e artistas favoritos, capazes de impressionar Varela Aldemira. Foi altura de reconhecer autores e obras, de confirmar conhecimentos feitos de leitura e reflexão, cruzando a curiosidade e o contentamento com desapontamentos e dificuldades momentâneas tendo em conta as expectativas criadas.

Na sua estadia, impuseram-se também condições práticas. Enquanto bolseiros e limitados pela falta de fundos, foram acolhidos em Santo António dos Portugueses, «refúgio espiritual dos portugueses em Roma, de preciosas recordações pátrias» (Aldemira 1943: 301), que cumpriu assim a sua longa tradição de acolhimento privilegiado aos peregrinos portugueses na cidade dos Papas (Rosa 2000). Em Santo António, para além de outro bolseiro da Junta de Educação Nacional, o escultor Barata Foyo, encontraram Henrique Trindade Coelho, nessa altura Ministro de Portugal no Vaticano, que os acompanhou em algumas visitas e com quem Aldemira jantou na noite de despedida de Roma (Aldemira 1943: 326-327).

Por outro lado, 1933 foi Ano Santo Extraordinário da Redenção, proclamado por Pio XI a 24 de Dezembro de 1932, centrando a celebração na figura do Cristo Redentor. Assumindo o papel de «peregrino», procuraram forma de participar numa audiência papal. Foi o que aconteceu no dia 5 de Junho, com ingressos conseguidos por Monsenhor José de Castro, do Instituto de S. António, para os três bolseiros. A descrição do acontecimento é contida, nessa contenção se tornando mais impressiva:

À hora marcada transpusemos a Porta de Bronze. Junto à *Scala Pia*, guardas suíços e palatinos, de indumentária colorida, dirigem os peregrinos, umas duzentas pessoas de ambos os sexos, vindas dos quatro cantos da terra. O serviço é rigoroso; inspeccionam-se os que chegam, um por um, recambiando os que pretendem entrar indevidamente. Num dos ângulos da galeria de S. Dâmaso, sentados em duas filas de bancos, esperamos, leigos e profanos, com a ansiedade natural espelhada em todos os semblantes. Duas horas se passam e ninguém se aborrece. Os religiosos de várias ordens murmuram preces, afoagam as crianças, instruem os profanos, e nós, os três artistas portugueses, aproveitamos o tempo num exame de consciência às nossas vidas, pedindo a Deus os melhores benefícios nesta viagem de afogadilho.

Ao fundo da galeria agitam-se cabeças, ouve-se o bater de palmas e tudo ajoelha em silêncio. Os corações oprimem-se. Pio XI, vestido de branco, sorridente, uma palidez de cera no rosto cheio, firme no seu passo lento, rodeado de fâmulos, altos dignitários e guardas nobres, estende a mão a cada um e todos beijam o anel pontifício. Depois, regressando ao ponto de partida, dirige em alta voz algumas palavras de saudação, abençôa três vezes os fiéis ajoelhados e, seguido pela sua côrte, desaparece dos nossos olhos. A cerimónia terminara, rápida como uma visão, dois minutos de solenidade deslumbrando as almas para tôda a vida. (Aldemira 1943: 303-304)

Este relato da audiência papal relembra o intertexto preferido de Aldemira, *A Vida de Frei Bertolameu dos Mártires*. Com efeito, as referências feitas no *Itinerário Estético* remetem para duas matérias distintas. Por um lado, a narrativa de Aldemira privilegia a relação muito próxima de Frei Bartolomeu com o Papa Pio IV, estabelecida a partir de quatro episódios acontecidos entre o Vaticano e o Castelo de Sant'Ângelo (Aldemira 1943: 218, 220, 231, 249); por outro lado, reforça a relação distante do Arcebispo com o panorama artístico que encontrou em Roma. Aldemira refere as observações de Frei Bartolomeu sobre o Belvedere com Pio IV (Aldemira 1943: 218), mas também refere um outro episódio passado com o dominicano Cardeal Miguel Bonelli, chamado Cardeal Alexandrino (Aldemira 1943: 218):

... e deu-lhe um esplêndido banquete, em número e variedade e preço de iguarias. E sobre mesa, outro não menos rico de vista de peças peregrinas em curiosidade e valia, de que tinha a casa cheia; estátuas antigas de mármore finos, lavradas por excelentes artífices, pinturas de mãos insignes, medalhas de todos os metais, de emperadores, cônsules e capitães, das que mais celebradas são dos estudiosos de antigualhas. Em cada cousa fazia o Cardeal ùa crónica, notando, gabando, encarecendo e revolvendo antiguidades. No cabo, depois de cansado, e contente de lhe parecer que tinha o arcebispo pasmado com aquele tesouro, que ele por tal estimava ou venerava, disse-lhe o Arcebispo:

- Parece-me, Senhor, que já em espírito via o Apóstolo estes mármore e estas curiosidades quando, escrevendo a Timóteo, disse: *a veritate quidem auditum avertent, ad fabulas autem convertentur*. Deixarão os homens de ouvir as verdades que importa saberem pera sua salvação e entregar-se-ão a celebrar patranhas e fábulas dos gentios. (Sousa 1984: 261)

5.

Entre a curiosidade, a aprovação e o distanciamento, o *Itinerário Estético* vai estabelecendo pontes tanto de concórdia como de divergência com a narrativa da viagem romana de Frei Bartolomeu contada por Frei Luís de Sousa, sendo que vai uma grande distância entre um Arcebispo reconhecido no Concílio de Trento e recebido pelo Papa e um pintor bolseiro em Roma; entre um religioso de profunda piedade e humildade e um pintor conhecedor de artes sacras e profanas; entre um homem empenhado na renovação da Igreja nos tempos da Contra Reforma e pouco amigo de fábulas efémeras, como chamava Frei Bartolomeu às manifestações artísticas do seu tempo, e um estudioso, pintor e professor de arte.

Com a narrativa da viagem de Frei Bartolomeu ao Concílio de Trento, e sobretudo com a deslocação a Roma, Frei Luís de Sousa levou a cabo a construção e a confirmação de uma figura virtuosa, composta de extrema piedade, humildade, sabedoria e prudência, que adquiriu uma importância central no seio da Igreja e do movimento de renovação contra-reformista. A proximidade com os príncipes da Igreja e com o Papa Pio IV, para os quais também se tornou exemplo, reforçou a aura de perfeição do Venerável Arcebispo, que mais recentemente na qualidade de Beato subiu aos altares.

Quanto ao *Itinerário Estético*, num ritmo marcado pelo correr dos breves dias em Roma, Varela Aldemira desenha-nos percursos distintos, sendo que, por entre todos, sobressai o seu próprio caminho, determinado pelos seus objectivos, interesses e conhecimentos específicos. Contudo, paralelamente à sua educação artística, atenta e assídua, por entre ruínas, igrejas, galerias e museus, corre uma dimensão religiosa e espiritual. Nestas duas dimensões se manifesta a relação textual de Varela Aldemira com Frei Bartolomeu. Em primeiro lugar, revela-se no desencontro em relação à Arte, patente em episódios que Aldemira vai citando como curiosa percepção e julgamento de uma manifestação artística que, quatro séculos mais tarde, ele próprio contempla e admira, recomendando que «há que perdoar ao nosso bom e santo arcebispo a sua condição de leigo em assuntos de natureza artística» (Aldemira 1943: 218). Em segundo lugar, Varela Aldemira conjugou o interesse artístico e educativo com a sua própria vivência religiosa, evidente na escolha de Ano Santo para a realização da viagem a Roma e numa devota participação na audiência concedida por Pio XI. A invocação das palavras de Frei Bartolomeu dos Mártires ao avistar a cidade, o calcorrear das velhas

ruas medievais, a visita de igrejas e basílicas, são aspectos com os quais Aldemira não teve qualquer impedimento em identificar-se e em repetir no seu próprio diário.

A apreciação da experiência romana do Arcebispo, por outro lado, contribuiu para um exercício de reflexão sobre a sua própria viagem, manifestando o desenvolvimento de uma apurada consciência do «acto de viajar» patente no diário. O interesse deste *Itinerário Estético* redobra quando a leitura de outros títulos de viagem a Roma, entre o século XIX e o século XX, como se referiu, remetem para viagens de peregrinação em datas específicas, como são as da celebração de Ano Santo, beatificações e canonizações (Augusto 1999: 116-117). O diário de Varela Aldemira distancia-se destes relatos porque apresenta uma percepção informada do que procura ver e do que vê, cruzando o seu vasto leque de conhecimentos com a curiosidade inquieta e o saber adquirido na leitura com a experiência adquirida no contacto directo com o espaço e as obras de arte. Deste modo, o *Itinerário Estético* liberta-se da simples anotação diarística de viagem de Lisboa a Roma. Como “itinerário”, desenvolve-se em múltiplos caminhos para além das linhas ferroviárias e das cidades cruzadas, implicando ainda a escolha de percursos por entre espaços, museus e obras de arte, mas também a invocação de leituras e de conhecimentos. Sendo preferencialmente “estético”, alcança outros domínios da criação artística para além da pintura, da escultura e da arquitectura, vindo a constituir o registo de uma experiência de viagem mais vasta. É neste contexto que a relação intertextual com a *A Vida de Frei Bertolameu dos Mártires* se torna mais significativa, enquanto forma de aproximação de duas visões e de duas experiências substancialmente distintas.

Bibliografia

- Aldemira (1943): Luís Varela Aldemira, *Itinerário Estético. A Caminho de Roma. Diário de viagem*, Lisboa, Livraria Portugalíia.
- Almeida (1968): Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, Porto/Lisboa, Livraria Civilização-Editora.
- Augusto (1999): Sara Augusto, “Peregrinações: Roma e Santiago de Compostela” em Fernando Cristóvão (ed.), *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens. Estudos e Bibliografias*, Lisboa, Cosmos/Clepul, pp. 83-125.

- Augusto (2010): Sara Augusto, "Jornada de Roma: narrativas de viagem na época barroca" em Maria João Marçalo et alii (eds.), *Língua Portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*, Universidade de Évora, pp. 72-93. Lido em <http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slt54/07.pdf> (20-06-2011).
- Baedeker (1904): Karl Baedeker, *Italy, Handbook for Travellers. Second part: Central Italy and Rome*, Leipzig, Karl Baedeker Publisher.
- Brasão (1939): Eduardo Brasão, *A Restauração. Relações diplomáticas de Portugal de 1640 a 1668*, Lisboa, Bertrand, pp. 263-278.
- Faria (2008): Ana Leal de Faria, *Arquitectos da Paz. A Diplomacia Portuguesa de 1640 a 1815. Com Atlas, Biografias e Roteiro de Fontes*, Lisboa, Tribuna.
- Junta de Educação Nacional (1934): *Relatório dos trabalhos efectuados em 1932-1933*, Lisboa, Junta de Educação Nacional.
- Machado (1965-1967): Diogo Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, Coimbra, Atlântida Editora.
- Martins (1957): Mário Martins, *Peregrinações e Livros de Milagres na nossa Idade Média*, 2ª ed., Lisboa, Brotéria.
- Paiva (2000): José Pedro Paiva, "A Igreja e o poder" em José Pedro Paiva (ed.), *História Religiosa de Portugal*, vol. II, [Lisboa], Círculo de Leitores, pp. 164-165.
- Pamplona (1987): Fernando de Pamplona, *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses*, 2ª ed., [Porto]: Livraria Civilização Editora.
- Rosa (2000): Maria de Lurdes Rosa, "Sant'Antonio dei Portoghesi, 1786-1825. Le pèlerinage portugais à Rome dans le contexte dévotionnel du Portugal de la fin de l'Ancien Régime" em Philippe Boutry e Dominique Julia (eds.), *Pèlerins et Pèlerinages dans l'Europe Moderne*, Rome, École Française de Rome, pp. 355-402.
- Silva (1862-1891): Luiz Augusto Rebello da Silva et alii, *Corpo Diplomático Portuguez*, 16 vols., Lisboa, Academia Real das Ciências.
- Sousa (1619): Frei Luís de Sousa, *Vida de Dom Frei Bertolameu dos Martyres, da Ordem dos Pregadores, arcebispo e senhor de Braga, primaz das Hespanhas, repartida em seis livros, com a solenidade da sua tresladação por Frei Luís Cacegas... / reformada em estilo & ordem & ampliada em sucessos & particularidades de novo achadas por Frey Luis de Sousa*, Viana, por Nicolau Carvalho.

Sousa (1984): Frei Luís de Sousa, *A Vida de Frei Bertolameu dos Mártires*, Aníbal Pinto de Castro e Gladstone Chaves de Melo (eds.), Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.